

## **OS FALARES DO POVOADO DE AGUILHADAS, MUNICÍPIO DE PIRAMBU**

**ROSINEIDE**, Souza Santos  
rose-aracaju@yahoo.com.br

**SILVA**, Mary Jane Dias(Orientadora)  
Graduada em Letras e Administração de Empresa pela Universidade Federal de Sergipe,  
Mestre em Educação, Professora do Curso de Letras da Universidade Tiradentes –UNIT e  
professora da rede municipal de ensino de Aracaju.  
mariba@superig.com.br

### **RESUMO:**

O presente artigo busca verificar as semelhanças e diferenças entre o linguajar do povoado Aguilhada e a norma culta, a partir de entrevistas com os falantes locais. Este estudo partiu do pressuposto de que o ensino da Língua Portuguesa começa pela construção de relações adequadas para uma efetiva interação de todos que fazem parte do processo escolar, para que cada um possa interagir no processo dialógico que é a linguagem. Além disso, não se pode ignorar a complexidade da linguagem de qualquer pessoa, independentemente do meio, família de que provém e das experiências lingüísticas que tenha vivenciado até então. Baseando-se nos aspectos descritos foi que se decidiu fazer este estudo, que buscar verificar as semelhanças e diferenças entre o linguajar dos moradores do Povoado Aguilhadas, município de Pirambu e a norma culta, fazendo-se uma análise lexical dos falares mais comuns desse povoado. Enquanto procedimento metodológico, a pesquisa foi dividida em dois momentos: revisão da literatura e pesquisa de campo. Através desse artigo foi possível compreender que não há língua que não evolua, e o uso e os fatos devem prevalecer sobre os preconceitos e, sobretudo, a noção de que a língua é um saber interior, pessoal, dos falantes, de onde o ensino deve partir.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem, língua, falares, variações lingüísticas e dialeto.

## INTRODUÇÃO

Há uma relação muito próxima entre linguagem e sociedade. Sendo um fato histórico e social, a linguagem é uma forma de agir no meio social. Usa-se a linguagem de várias maneiras e nas mais diversas situações. Pessoas de diferentes classes sociais e de lugares diferentes usam diferentes formas de linguagem.

Essas diferenças levam à constatação de que existem várias formas de linguagem. Ou seja, numa mesma comunidade encontram-se pronúncias, vocabulário, estruturas diferentes de frases que não impedem a compreensão dos falantes.

A linguagem permite, como mediadora, não só alcançar o conhecimento, mas também aprofundá-lo, e elabora conhecimentos novos e mais elevados. Dessa forma, a língua é o suporte de abstração e generalização consciente da realidade.

Segundo Cagliari (2001), a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e as si mesmas.

Sendo um fenômeno social, a linguagem sofre os condicionamentos das normas e do sistema de valores da sociedade. Como há uma classe com mais prestígio do que outra, há também um dialeto mais prestigiado do que outro. E o dialeto mais valorizado é aquele utilizado pela classe economicamente privilegiada. “Uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.(GNERRE,1987, p. 45)

Lingüísticamente, não existe uma linguagem melhor ou pior que outra. Portanto, não se justifica classificar uma variedade como “boa” ou “ruim”. Os cientistas que estudam a linguagem têm comprovado que todos os dialetos possuem uma estrutura, uma gramática e

constitui-se num sistema completo que atende às necessidades dos falantes. Não há nada inerente à própria linguagem que a faça mais “pura” mais “correta” do que outra. Assim, o julgamento de correção e pureza de uma língua é social e não lingüístico.

Baseando-se nas considerações a respeito do que vem a ser a língua, foi que se decidiu fazer este artigo, onde se pretende verificar as semelhanças e diferenças entre o linguajar de um povoado sergipano e a variante padrão e usos e particularidades.

A escolha do tema se deu a partir da constatação de que apesar da pressão da escola e dos meios de comunicação a variação lingüística é um fato nos povoados sergipanos, o que causou uma certa curiosidade em investigar que função os moradores têm atribuído à linguagem e como se dão suas relações sociais.

A realização da pesquisa partiu do pressuposto de que se todos compreendessem que o português não-padrão é uma língua como qualquer outra, com regras coerentes, com uma lógica lingüística perfeitamente demonstrável, talvez fosse possível abandonar os preconceito lingüístico que vigora na sociedade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma que é também histórica. “A linguagem não é só expressão, finalidade em sim mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para o outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo”. (LUFT, 1995, p.27)

As línguas compõem um conjunto, dentro do qual os diferentes membros de uma sociedade convivem e se relacionam. A organização da sociedade, como um elemento desse

complexo, está relacionada com a organização econômica; os dois entre si relacionam-se igualmente com as idéias religiosas. Assim, verifica-se que a cultura humana recebe influência da sociedade, da época, enfim de diversos aspectos do campo social.

É certo que a cultura é produzida pelas transformações sociais, da música, da dança, dos costumes, das crenças e dos comportamentos vigentes em uma dada sociedade. É nessa perspectiva, que se pode compreender a cultura brasileira, como sendo permeada por diversos aspectos, sejam eles sociais, econômicos, religiosos, políticos ou comunicativos.

Segundo Soares (2004), a cultura é uma herança que o homem recebe ao nascer. Os elementos culturais, que compõem o conceito de cultura, permitem mostrar que ela está ligada à vida do homem, de um lado, e, de outro, se encontra em estado dinâmico, não sendo estática sua permanência no grupo. Esclarece que a cultura se aperfeiçoa, se desenvolve, se modifica, continuamente, nem sempre de maneira perceptível pelos membros do próprio grupo. É justamente isso que contribui para seu enriquecimento constante, por meio de novas criações da própria sociedade e ainda do que é adquirido de outros grupos.

O homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecedem. Sendo assim, não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária. (LARAIA, 2002, p.34)

Portanto, a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. Segundo Nunes (1997), a cultura é o complexo dos padrões de comportamento, dos hábitos, das crenças, das instituições e outros valores materiais e espirituais, transmitidos coletivamente e que caracterizam uma sociedade. É a resultante do trabalho do homem na sua relação com o outro e com a natureza.

Não existe uma definição estanque de cultura brasileira, até porque defini-la como o acervo de realizações intelectuais, artísticas, científicas, etc., produzidas dentro de um determinado espaço nacional é insatisfatório, pois a cultura brasileira é, antes de qualquer outra consideração, uma entidade complexa e fluida, uma tendência e uma busca, acima de algo pronto e acabado. Assim, cultura brasileira está procurando o seu próprio conceito.

Segundo Vanucchi (2003), pode ser considerado manifestação de cultura brasileira como uma relação social ao mesmo tempo construída e a construir-se:

É pacto e luta, é tradição e ruptura, supõe o velho e o novo, é conflito real e harmonia imaginada num mecanismo de poder e dominação. Portanto, nacionalidade é um termo global e, sob ele, oculta-se o dado concreto que é o conjunto de contradições, conflitos, repressões, cooptações etc., que constituem a rotina da sociedade. (VANUCCHI, 2003, p. 32)

A linguagem é cultura e por isso influencia a outra, sabe-se que Antigamente, a linguagem dos homens era bastante primitiva, ligada aos gestos e sons inarticulados com o estágio de trabalho, pouco a pouco, a linguagem desenvolveu-se e apareceu um sistema complexo de códigos que permitiu construir enunciados e textos para a comunicação com os outros homens. Nesse processo, a linguagem nasceu e se desenvolveu, mas, estritamente ligada ao trabalho como atividade social. Ela foi produzida como necessidade de comunicação para poder haver entendimento quanto à tarefa de cada um na situação de trabalho realizado em conjunto.

Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano está a linguagem, que é a capacidade de se comunicar por meio de um código sonoro, visual e gestual. O mais utilizado desses códigos comunicativos é a língua. Língua é “um conjunto de sons e ruídos, combinados, com os quais um ser humano, o falante, transmite a outro ou outros seres humanos, o ouvinte ou os ouvintes, o que está em sua mente”. (MOURA, 2001, p.25). A língua é, portanto, um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma

mesma comunidade. Ou seja, um grupo social convencionada e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos: os signos lingüísticos. Desse modo, o conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Segundo Ernani (2001), como a língua é um patrimônio social, tanto os signos como as formas de combiná-los são conhecidos e acatados pelos membros da comunidade que a emprega. Pode-se dizer, por isso, que a língua é um verdadeiro “contrato” que os indivíduos de um grupo social estabelecem. Aceitos os termos desse contrato, a comunicação está garantida.

Portanto, a língua é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Ou seja, um grupo social convencionada e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos: os signos lingüísticos. Não há língua que não evolua.

Individualmente, cada pessoa pode utilizar a língua de seu grupo social de uma maneira particular, personalizada. Assim, a pessoa usa a variante mais apropriada à situação comunicativa que se está vivendo.

Na linguagem é importante o aspecto da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é a garantia de intercompreensão.

Segundo Bagno (2001), existem várias diferenças lingüísticas no português: *diferença fonética, lexical, semântica, e diferença do uso da língua*. Também existe a diferença no português falado em regiões diferentes, a exemplo, o Norte-Nordeste e o Centro-Sul, ou seja, a variedade geográfica, mas a língua, também pode ficar diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma analfabeta, por uma pessoa de classe alta ou por uma

pessoa de classe baixa, por morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Assim, tem-se, por um lado, as variedades geográficas, e por outro, as variedades: *de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, rurais* etc. Todo isso reflete a eterna tensão que existe na vida de cada ser humano:

A vontade de se isolar, de se preservar, de garantir seu espaço individual, mas ao mesmo tempo a necessidade de se comunicar, de manter contato, de travar relações. Cada pessoa tem a sua língua própria e exclusiva, mas também não pode deixar que ela a separe da comunidade em que está inserida. (BAGNO, 2001, p.21).

Para Tarallo (2001), em toda comunidade de fala são frequentes as formas lingüísticas em variação. As variações são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variação lingüística”.

As variedades de uma língua têm recursos lingüísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seres humanos. No Brasil existem dezenas de línguas diferentes, chamadas dialetos, isto é, utilização da fala de forma que melhor exprime o gosto e o pensamento, falados por milhões de pessoas e também veículos de importantes manifestações culturais.

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão, não-padrão; conservadoras, inovadoras; de prestígio e estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolingüístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Por estar sujeita à dinâmica de diferentes usos nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio, e ainda num só local apresenta um sem-número de diferenciações de maior ou menor amplitude. Conforme Luft (1999), as variedades de ordem geográfica não

prejudicam a língua nem influenciam na consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.

Sendo um fenômeno social, a linguagem sofre os condicionamentos das normas e do sistema de valores da sociedade. Como há uma classe com mais prestígio do que outra, há também um dialeto mais prestigiado do que outro. E o dialeto mais valorizado é aquele utilizado pela classe economicamente privilegiada. “Uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.(GNERRE,1987, p. 45)

Lingüísticamente, não existe uma linguagem melhor ou pior que outra. Portanto, não se justifica classificar uma variedade como “boa” ou “ruim”. Os cientistas que estudam a linguagem têm comprovado que todos os dialetos possuem uma estrutura, uma gramática e constitui-se num sistema completo que atende às necessidades dos falantes. Não há nada inerente à própria linguagem que a faça mais “pura” mais “correta” do que outra. Assim, o julgamento de correção e pureza de uma língua é social e não lingüístico.

No ensino da língua portuguesa, historicamente constitui-se um modelo de língua próximo à norma normativo-prescritiva ou norma padrão, que segundo Silva (2001), no conceito tradicional, idealizado pelos gramáticos pedagogos, cujas diretrizes indicam o certo para a representação escrita da língua, sendo qualificado de erro o que não segue esse modelo. Essa norma passa a ser a norma codificada nas gramáticas pedagógicas que se repetem tradicionalmente de gramático a gramático. Distancia-se da realidade dos usos, embora com alguns deles de interseccione, e é parcialmente reciclada ou atualizada ao longo do tempo pelas imposições evidentes, decorrentes da razão universal de as línguas mudarem e suas normas também, entre elas, a que serve de modelo à norma padrão.

É no século XX que a norma normativo-prescritiva perde seu prestígio. Ainda segundo Silva (2001, p.15), “remonta a vinte e três séculos o instalar-se de uma tradição de

reflexão sobre as línguas que, ao mesmo tempo, busca a descrição e a correção lingüística”. Assim, a busca dessa norma, fundada nos clássicos gregos, não é mais do que a busca da manutenção de uma tradição que interessava aos alexandrinos preservar, de uma cultura erudita, representada nas grandes obras. Recurso presente até hoje em múltiplas gramáticas pedagógicas na tradição cultural.

Assim, é possível compreender o porquê da vitalidade da norma normativo-prescritiva que, se não ideologia exclusiva hoje para o ensino das línguas maternas, continua prestigiada pelo mundo escolar.

A escola defende a bandeira do purismo lingüístico, mesmo que mais flexibilizado em relação ao passado próximo: fantasma presente em muitas cabeças e que se materializa em orientações pedagógicas ainda respeitadas por muitos. (SILVA, 2001, p.18)

A ruptura da norma normativo-prescritiva com a tradição gramatical se deu a partir dos estruturalistas, cujo idealizador foi Saussure. Os estruturalistas foram os primeiros a desenvolver uma teorização para além do sistema e da fala. Essa ruptura trouxe novas formas de estudar e ensinar a língua, principalmente, quando se considera que a língua é um processo histórico que evolui.

Silva (2001) diz que qualquer língua histórica é um fato social que se concretiza no uso individual de cada um de seus falantes, a variabilidade individual só se restringe pelos limites que o sistema dessa língua permite. Como consequência de ser um fato social, o uso individual só é atuante na sua completude se desencadear o processo de interação social. a interação, por meio da língua, portanto, é um comportamento social.

Não há como fugir às regulações dos usos lingüísticos numa comunidade, desde a necessidade geral, individual e social de intercomunicação, que poderão não ocorrer em situações específicas, aos aparatos sociais construídos para essa regulação que diferem de sociedade para sociedade. Assim, não existe uma única língua no Brasil, é um mito pensar

que existe a língua única no Brasil. O português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de aspectos aparentados entre si, mas com algumas diferenças. Ou seja, as variedades. Não há motivo lingüístico algum para que se considere qualquer uma dessas formas superior ou inferior às outras.

A variante padrão não é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do Brasil. A variante não padrão por ser utilizada por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela imensa injustiça social é vista de forma preconceituosa. O português não-padrão é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado errado.

Os preconceitos e estigmas que marcam as variantes regionais e populares da língua portuguesa no país, partem de estereótipos estabelecidos a partir da super valorização da variante culta, relacionada às classes social culturalmente dominante e às regiões desenvolvidas do país.

A história da estrutura funcional de uma língua não pode separar-se da história dos falantes que a modificaram, que a recriaram, ao longo do tempo. Para Luft (1995), os modos diferentes de falar acontecem porque as línguas se transformam ao passar dos anos, assumindo peculiaridades características de grupos sociais diferentes, e os indivíduos aprendem a língua ou dialeto da comunidade em que vivem. Essas considerações mostram que as línguas, quando se transformam com o passar do tempo não se degeneram, não se tornam imperfeitas, estragadas, mas adquirem novos valores ligados as novas perspectivas da sociedade.

Dessa forma, a escola deveria aceitar e respeitar os dialetos, entendê-los e até mesmo ensinar como essas variedades da língua funcionam comparando-as entre si, deve também mostrar aos alunos que a sociedade atribui valores sociais diferenciados aos diferentes modos de falar a língua e que esses valores, embora se baseiam em preconceitos e

falsas interpretações de certo e errado lingüístico, e, tem conseqüências econômicas, políticas e sociais.

Na concepção de Luft (1995), o aluno deve ter a oportunidade de crescer lingüisticamente, através da prática constante em aulas que sejam um prazer e uma descoberta constante, oportunidade de manifestação individual espontânea, em que, sem ser reprimido nem humilhado por constantes correções de seus “erros”, ele vá progredindo à força de praticar, e de ser exposto a bons modelos de variante padrão; modelos que lhe agradem, que lhe digam alguma coisa. Para que assim, as aulas de português não se tornem coisa inútil e alienante.

Para Magda Soares (1986), a solução estaria numa mudança de atitudes de professores e da população em geral, que deveriam ser educados para compreender que todos os dialetos são igualmente válidos, corretos, e que não há razões legítimas para a discriminação de falantes que usam dialetos não-padrão.

É necessário compreender que o português não-padrão é uma língua como qualquer outra, com regras coerentes, com uma lógica lingüística perfeitamente demonstrável, talvez fosse possível abandonar os preconceitos que vigoram hoje em dia no nosso ensino de língua.

A esse respeito Possenti (1996) diz que o português não-padrão é funcional, pois trata de eliminar todas as regras desnecessárias e supérfluas que se repetem e se sobrepõem. Por ser uma língua familiar, natural, apreendida, ele se caracteriza por ter uma forte tradição oral, já que o domínio da língua escrita é privilégio dos que freqüentam a escola. Portanto, é preciso considerar que às semelhanças entre as variedades do português do Brasil são muitos maiores do que as diferenças. Essa é uma verdade que devemos sempre salientar, se quisermos provocar uma mudança de atitude, se pusermos a combater o preconceito lingüístico.

Para Luft (1995), é indispensável aprender a língua, que contém na gramática e aprender a dominar o meio de comunicação escrita. Contudo, a boa comunicação verbal não tem nada a ver com a memorização de regras de linguagens nem com a disciplina escolar que trata dessas regras, e que geralmente, nas escolas, toma o lugar do que deveriam ser as aulas de português: leitura, comentário, análise e interpretação de bons textos, e a tentativa constante de produzir pessoalmente bons textos, como também refletir sobre a língua e seus usos. Desse modo, o ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança de linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, horror à expressão livre e autêntica de si mesmo. Nesse caso, o ensino tradicional da Língua Portuguesa tende a incutir a obsessão do erro, em vez de lhe liberar os poderes de linguagem e aprimorar a competência comunicativa.

Portanto, para que um projeto de ensino de língua seja bem sucedido, uma condição deve necessariamente ser preenchida, e com urgência: deve haver uma concepção clara do que seja uma língua e do que seja o aluno.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa científica, resumidamente, pode ser entendida como um conjunto de procedimentos sistemáticos, lógicos, para solucionar problemas através de métodos científicos.

A pesquisa se constitui da definição de um “*corpus*” que foi construído a partir de questionários dirigidos aos falantes do Povoado Aguilhadas. Os questionários foram aplicados feirantes e teve objetivo de obter registros da falar local. Eles foram transcritos e posteriormente analisados.

Quanto aos meios para a obtenção das informações a pesquisa utilizada foi à bibliográfica. Levando-se em consideração o objetivo deste trabalho, optou-se por uma pesquisa exploratória, que se constitui numa pesquisa preliminar, cujo objetivo foi fazer um estudo da variação lingüística.

Quanto à abordagem, adotou-se a qualitativa em virtude de ser a que “melhor compreende e explica a dinâmica das relações sociais aprofundando no mundo dos significados das ações” (MINAYO, 1998, p. 53). Para Triviños, ela é “capaz de assinalar as causas e as conseqüências dos problemas, suas contradições, suas relações, suas qualidades e suas dimensões quantitativas” (1999, p.125).

Referente ao universo, Vergara (2003, p.50), diz: “que a população não é um número de habitantes de um local, mas um conjunto de elementos (empresas, produtos, pessoas, por exemplo) que possuem as características que serão objeto de estudo. População amostral ou amostra é uma parte do universo (população), escolhida segundo algum critério de representatividade”.

Tendo por base os princípios de Vergara, o universo dessa pesquisa foi o Povoado Aguilhadas, município de Pirambu-SE. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram quatro feirantes do referido povoado.

Nessa pesquisa foi utilizada como técnicas de pesquisa, a entrevista, no intuito de constatar dados referentes à realidade, buscando informações complementares ao objeto de estudo.

## ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise efetuada é de natureza essencialmente qualitativa e tem como pano de fundo pressupostos teóricos que analisam os falares de moradores do Povoado Aguilhadas. De modo geral, buscaram-se respostas às questões relativas as variações lingüísticas e dialetos, bem como para outras que surgiram a partir da leitura dos questionários.

Segundo uma moradora do Povoado Aguilhadas, o local recebeu esse nome porque as carroceiros tinham uma vara para guiar as carroças de boi, e na ponta da vara tinha um prego que enfiava nos bois que dirigiam as carroças, e o nome dessa vara era guiada, como tinha muitos carroceiros deu origem ao lugar de Aguilhadas devido a quantidade guiadas que existiam, e até hoje está como Aguilhadas.

Esse povoado não tinha igreja, sendo construída a primeira, em um terreno doado pelo senhor Telvino que logo em seguida lutou por uma escola que também não tinha. A primeira professora foi D. Graciene.

O povoado tem mais de 100 (cem) anos. Os moradores viviam fazendo esteiras e vendiam caranguejo. Eles carregavam água na cabeça e lenha, pois não possuíam água encanada nem energia elétrica. Atualmente, o Povoado Aguilhada possui mais de 600 habitantes. Sua padroeira é Nossa Senhora da Conceição.

Foram feitas várias visitas ao povoado, e nele vários contatos com alguns moradores, dos quais foram se estabelecendo quatro para uma entrevista, cuja finalidade foi fazer uma análise lexical dos falares mais comuns desse povoado.

Após as entrevistadas, foram identificados os falares mais comuns dos moradores, tais como:

- |            |              |                     |
|------------|--------------|---------------------|
| - Tombem   | (também)     | - prosta(próstata)  |
| - nafabeto | (analfabeto) | - cóvitei(convidei) |

- ifança (infância)
- tabaiando (trabalhando)
- três méis ( três meses)
- mô fio (meu filho)
- u mô pai ( o meu pai)
- pôsora (professora)
- arguma (alguma)
- amiorando (melhorando)
- ardispois (depois)
- sofona (sanfona)
- como dava (comandava)
- sabo (sábado)
- anivelsaro (aniversário)
- dez quilo (dez quilos)
- inégia (energia)
- radia (rádio)
- inégipe (energipe)
- amiorando (melhorando)
- é uns(são uns)
- duas vês (duas vezes)
- labizone (lobisomem)
- qarerma(quaresma)
- famia (família)
- me asento (me sento)
- fio (filho)
- sirmel (cisme)
- meã (meia)
- tabaiando na pefeitúra (trabalhando na prefeitura)
- impegado (empregado)
- pemêro (primeiro)
- tabaiando (trabalhando)
- adepois (depois)
- quinze fio (quinze filhos)
- nós tabaiava (nós trabalhávamos)
- véve de prantá feijão (vive de plantar feijão)
- Tabaiana (Itabaiana)
- óimbus (ônibus)
- labizoni (lobisomem)
- miarimã (minha irmã)
- tabaiava (trabalhava)
- labizomi (lobisomem)
- me arcancei (quando eu nasci)
- nafabeta (analfabeta)
- industria (indústria)
- infança (infância)
- esses zoio (esses olhos)
- meus bisavô (meus bisavós)
- boca da noite (começo da noite)
- tauba (tábua)
- inté (até)
- popiedade (propriedade)
- tumemo (tomamos)
- tabaiava (trabalhava)
- mêrmo (mesmo)
- pantando(plantando)
- popa (própria)
- pacemo (passamos)
- tabaiei (trabalhei)
- Carmópolis (Carmópolis)
- pero (pelo)
- oimbus (ônibus)
- tânsporte (transporte)
- fautura (fatura)
- Charqinha ( Chacrinha)
- ôtris (outros)
- pacemo (passamos)
- João Dora (João Dórea)
- afundou (fundou)
- cunvelsar (conversar)
- veio (velho)
- saia pra fora
- oiá (olhar)
- puro mundu (pelo mundo)
- butei (botei)
- puliça (polícia)
- alembro (lembro)
- pefeito (prefeito)
- compremo (compramos)
- conti (conta)
- nós foi(nós fomos)
- xuju (sujo)
- arrente (a gente)
- compá argua coisa (comprar alguma coisa)
- mô pai (meu pai)
- meu zavô
- só pá lenha (só pra lenha)
- quatro fio (quatro filhos)
- mandoca (mandioca)
- tabaiei (trabalhei)
- muler (mulher)
- mais grande (muito grande)
- pala (palha)
- munta genti (muita gente)
- casa de famia (casa de família)
- negócio bem grande (roda-gigante)
- deverti (diverti)

- |                               |                       |
|-------------------------------|-----------------------|
| - labisoni (lobisomem)        | - maiada (malhada)    |
| - uns cumpade (uns compadres) | - veumela (vermelha)  |
| - muler (mulher)              | - oiei (olhei)        |
| - evangéca ( evangélica)      | - trabaiá (trabalhar) |
| - grasti pte (gastrite)       | - estambo (estômago)  |
| - neuvosa (nervosa)           | - probrema (problema) |
| - neuvôso (nervoso)           | - teriça (icterícia)  |
| -enfeumêra (enfermeira)       |                       |

É impossível identificar nos falares descritos o tipo de metaplasmo referente à sua alteração, tais como: Farta (falta): assimilação parcial, recramava (reclamava): sonorização, armoçou (almoçou): assimilação parcial, mermo (mesmo): sonolização. Trabaiou (trabalhou): vocalização, Povoado (povoado): assimilação parcial, tombem (também): assimilação parcial, pessoá (pessoa): apócope, apois (pois): prótese, tranquilo (tranqüilo): causa fonética.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa foi possível identificar e analisar os falares mais comuns dos moradores do Povoado Aguilhadas. Além disso, esse estudo mostrou que há uma relação entre linguagem e sociedade, na medida em que é a sociedade que legitima a língua padrão. Assim, a variedade lingüística é valorizada de acordo com a classe social a que pertence, a sociedade não pode manter à margem aqueles que não seguem a gramática adotada pela escola. A sociedade deve considerar que todas as variedades são produtoras de conhecimento semelhantes e a língua está em constante evolução, a Lingüística, portanto, considera as variedades lingüísticas como possíveis; assim a escola e a sociedade também devem ser.

A linguagem (oral e escrita) não pode ser vista fora do contexto, esta é influenciada de várias maneiras, sendo utilizada para impor a ideologia dominante. A classe dominante as usa para manter seu nível de dominação, tornando-se uma arma. Sendo assim, a palavra é um instrumento de poder, a classe dominante a usa para controlar as demais classes, através dos conteúdos trabalhados na escola. Quem domina a escrita e a leitura, de certa forma se sobrepõe a quem não tem conhecimento delas e a quem, quando as aprende, não o faz na consciência de ser também o seu produtor.

Os aspectos descritos revelam a importância desse artigo, na compressão das variações lingüísticas e do preconceito lingüístico que existe na sociedade. É importante considerar todas as possibilidades de linguagem de uma comunidade, pois quando esses sujeitos chegam a escola, eles trazem consigo uma gama de saberes que podem muito contribuir para uma interação e comunicação. Daí a necessidade de atender a essa demanda, implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de

práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente.

Nesta perspectiva, é importante o professor compreender que a distância entre a linguagem do aluno, a gramática que domina e a linguagem culta é muito menor do que costuma-se considerar. Assim, é fundamental que o trabalho do professor constitua-se em multiplicar, aumentar e acrescentar os recursos expressivos de que o aluno já dispunha. O aluno deve estar em contato com as formas que coloquialmente não usa, e saber usá-las em situações formais. É a escola que deve orientar seus alunos para tal tarefa, redirecionando o processo de ensino-aprendizagem da língua padrão.

É nesse sentido que a Sociolinguística traz de positiva ao ensino da língua às noções corretas de linguagem e língua, de variantes e registros, de que não há língua que não evolua, de que o uso e os fatos devem prevalecer sobre os preconceitos e, sobretudo, a noção de que a língua é um saber interior, pessoal, dos falantes, de onde o ensino deve partir.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A Linguagem regional e o ensino do português. In: **Língua Falada e Ensino. I Encontro Nacional sobre Língua falada e ensino.** UFAL, 1994.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália.** São Paulo: Contexto, 2001.  
\_\_\_\_\_ **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2001.
- BARROS, Aidil de Jesus P. **Projeto de Pesquisa.** Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística.** São Paulo: Scipione, 2001.
- LUFT, Celso. **O ensino da língua portuguesa.** Revista Presença Pedagógica. Ano XI, 1995.
- GERALDI, J. V. **Portos de passagens.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GNERRE, Marizzio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** São Paulo: Vozes, 1998.
- MOURA, V. J. **O Ensino de português.** São Paulo: Contexto, 2001.
- NUNES, S.L. **Cultura e classe social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado Aberto, 1996
- SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **Contradições no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 2001.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Ática, 2004.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sócio-lingüística.** São Paulo: Ática, 2001.
- TRIVIÑOS, Augusto M. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1999.
- VANUCCHI, José Carlos. **O homem: uma introdução ao conceito de cultura.** São Paulo: Martins Editora, 2003.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2003.